Aula 7

MEMÓRIA DISCURSIVA

META

Apresentar o conceito de memória discursiva como um dos conceitos fundamentais para a Análise do Discurso

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Compreender que a memória discursiva é de ordem social, de natureza ideológica, e que ela diz respeito aos sentidos autorizados pela Forma-sujeito no âmbito de uma formação discursiva;

Entender que a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos.

PRÉ-REQUISITO

Condições de produção; Constituição do sujeito e Formação discursiva.

Eugênio Pacelli Jerônimo Santos
Flávia Ferreira da Silva

INTRODUÇÃO

Prezado(a) Aluno(a),

Nesta aula discutiremos um dos conceitos centrais para a Análise do Discurso: a Memória Discursiva. Veremos que este conceito passa a fazer parte do arcabouço teórico da área de estudo na década de 80 quando Courtine faz a leitura da obra *Arqueologia do saber* de Foucault. Veremos, principalmente, que a memória discursiva não é de ordem individual, mas coletiva, sendo ela responsável pelos dizeres em uma formação discursiva.

Como já visto nas aulas anteriores, enquanto sujeitos sociais, nós lançamos mão de aspectos históricos, sociais, ideológicos...apesar de não termos consciência disso, como também já vimos. Um desses aspectos é a memória discursiva. É este conceito que estudaremos nesta aula.

O conceito de memória é um dos conceitos fundantes para a Análise do Discurso. Ele surge, para estabelecermos um efeito de início para a trajetória histórica do conceito na AD, no trabalho de Courtine (1981) ao revisitar a obra Arqueologia do saber de Foucault. A partir das reflexões de Foucalt sobre enunciado, Courtine entende que

> Toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado outras formulações que ele repete, refuta, transforma, denega...Isto é: em relação às quais esta formulação produz efeitos de memória específicos.(Courtine 1981, p.52)

No decorrer da discussão Courtine (1981, p.53) acrescenta que "a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, reguladas pelos aparelhos ideológicos".

A memória surge na Análise do Discurso como a possibilidade que permite a relação entre temas e princípios diferentes. Pêcheux (In.: ACHARD, P. et al. Papel da memória: 1999) afirma que a memória deve ser entendida não no sentido psicologista da "memória individual", mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, social inscrita em práticas(...). A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto, surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos", quer dizer, os pré- construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (p.51-52)

Para Courtine (1981) o termo "memória discursiva" designa algo distinto de qualquer memorização psicológica, que os psicolinguistas consideram para explicar os processos cognitivos implicados na memória dos textos. A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica

do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos.

Para a AD a memória não está relacionada a aspectos de natureza cognitiva, mas ao domínio da ordem social e ela se estabelece nesse domínio de conhecimento a partir da noção de regularização. As retomadas/ regularizações de sentidos vão construindo uma memória que se estabelece socialmente, mesmo que ela se apresente ao sujeito discursivo como não-sabido. Ou seja, são as repetições do discurso que constroem a memória discursiva.

É importante que você compreenda que são os discursos que circulam, oriundos em linguagem e tecidos pelo crivo do sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados. A memória discursiva não é o que todos lembram simplesmente, não é a lembrança de uma situação, simplesmente, ela é de ordem ideológica. O que significa dizer que ela funda discursos, a partir das retomadas é possível cristalizar situações.

Ela diz respeito aos enunciados que se inscrevem nas FD, pois é no interior destas que ela recebe seu sentido. Em outros termos, a memória discursiva não diz respeito a todos os sentidos, mas aos sentidos autorizados pela Forma-Sujeito em uma FD. A memória aponta para o que pode e o que não pode ser dito em uma FD. É em função dela que certos sentidos são "apagados" e outros, até então não autorizados, por questões conjunturais, passam a ser possíveis.

Assim, nas palavras de Courtine (1981:53), no domínio do discurso político, a memória discursiva remete a questões como: "do que nos lembramos, e como nos lembramos, na luta ideológica, do que convém dizer e do que não convém, a partir de uma posição numa conjuntura dada na redação de um panfleto, de uma moção, de uma tomada de posição?"

Você deve estar se perguntando de que repetição se fala aqui. É importante que você perceba que quando se fala em repetir, nesse caso, não significa repetir palavra por palavra a estrutura utilizada em algum dizer, apesar de algumas vezes isso ocorrer, mas de uma manutenção do dizer a partir de uma ressignificação.

Mas mudanças podem ocorrer e isso se dá quando há uma quebra do regime de regularização dos sentidos e o sujeito do discurso se contra identifica com algum sentido regularizado ou não mais se identifica com algum saber e se identifica com outro. Nós podemos entender essa movimentação de sentido nas palavras de Pêcheux(1983 [1990, p.53) "um enunciado é intrinsicamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro"

Os sentidos podem se modificar e as redes discursivas de reformulação vão recebendo novas formulações que se reúnem as já existentes. Assim, ao mesmo tempo em que se reúnem as já existentes vão também atualizando

as redes de memória. Essas reformulações produzem uma relação de metáfora, quando trazem por outros termos um mesmo sentido. Os saberes pré-existem ao discurso do sujeito.

Observe a materialidade que segue:

Figura 1: Azeite Gallo
(Fonte: http://www.publico.pt/sociedade/noticia/azeite-gallo-contestado-no-brasil-por-publicidade-a-embalagem-devidroescuro-1535926).

A materialidade acima constitui uma campanha Publicitária do azeite de oliva português de marca Gallo. Atente para o que afirma o linguístico:

> Nosso azeite é rico. O vidro escuro é o segurança.
> AZEITE GALLO. AGORA EM EMBALAGEM DE VIDRO ESCURO

O que lhe sugere a leitura? Quais os efeitos de sentidos produzidos pela materialidade discursiva? A que remete as possibilidades de sentido? Fala-se apenas da embalagem de vidro de cor escura para preservar as propriedades do azeite ou há possibilidade de outros efeitos de sentido, a partir de construções de âmbito histórico, social e ideológico?

Pois bem, em março de 2013, o Conselho de Ética do Conar (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária) "sugeriu" mudança no texto publicitário por considerar a campanha racista. E o que possibilitaria tal

compreensão? O acionamento da memória discursiva possibilita-nos chegar a efeitos de sentidos como esse?

Lembram do que afirma Courtine (1981, p. 53)? "A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos" Sabemos que o Brasil adotou o regime escravo, oficialmente, até 1889. Mas ao longo da história os trabalhos de menor prestígio social eram assumidos pela mão de obra negra. Historicamente são os negros que trabalham de seguranças da classe privilegiada economicamente, dos ricos.

Agora, retome ao enunciado da campanha — Nosso azeite é rico. O vidro escuro é o segurança— a partir do que conhecemos da história, dos aparelhos ideológicos que permeiam socialmente, podemos perceber de que maneira pré-construídos como "rico" e "segurança" provenientes do interdiscurso são apropriados e como a forma sujeito trabalha os sentidos. Percebemos assim como a repetibilidade constitui uma memória que sustenta os dizeres. E esses dizeres só fazem sentido, porque antes já faziam sentido.

MEMÓRIA DISCURSIVA E INTERDISCURSO: SINÔNIMOS?

Você pode a partir de agora está se perguntando se quando se fala de memória discursiva e de interdiscurso se fala do mesmo conceito. Pois bem, apesar de em algumas literaturas da área encontrarmos como sinônimos, elas não o são. Estes são conceitos muito próximos e um constitui o outro. Vamos deixar isso mais claro!

O interdiscurso constitui-se de um complexo de formações discursivas. Todos os sentidos produzidos estão no interdiscurso. Como vimos em *Introdução às Teorias do Discurso*, o interdiscurso reúne todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas. Ele se distingue da memória discursiva por apresentar todos os sentidos.

Já a memória discursiva faz intervir o interdiscurso como instância de constituição de um discurso transverso que regula para um sujeito enunciador, o modo de ação dos objetos dos quais o discurso fala, bem como o modo de articulação desses objetos.(conf. Possenti, s/d)

CONCLUSÃO

A partir do que discutimos nesta aula podemos concluir que a memória discursiva é um dos conceitos chaves para a Análise do Discurso. Ela possibilita o sentido a partir da Formação Discursiva a que está inserida. É importante considerar que essa memória é social e não individual e que ela não retoma o discurso de modo neutro, até porque isso não é possível – para Ad não existe discurso neutro, sendo assim a memória é da ordem ideológica. Ela diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos.

RESUMO

Nesta aula estudamos memória discursiva, vimos que ela é um dos principais conceitos da Análise do Discurso e que esta noção diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos, pois ela é da ordem ideológica. A memória discursiva constitui o lugar onde os dizeres são autorizados, ou seja, ela diz respeito ao que pode ser dito e ao que não pode ser dito em uma Formação discursiva. Aprendemos que esta memória é possibilitada a partir da repetibilidade, mas também que esse repetir produz deslizamento de sentidos e estes se transformam. Por fim aprendemos a diferença entre interdiscurso e memória discursiva. Vimos que os dois dizem respeito à memória social, mas o interdiscurso está relacionado a tudo que se sabe e a memória discursiva é regulada pela FD, ao que pode e ao que não pode ser dito.

ATIVIDADES

1. A partir das discussões realizadas nesta aula, o que a Análise do Discurso chama de memória discursiva?
2. Estabeleça a diferença entre memória discursiva e interdiscurso.
3. Considere as respostas das questões anteriores e analise a materialidade que segue. Qual seria a memória discursiva nela retomada?

Figura 02:Capa da revista Veja
(Fonte://www.google.com.br/search?q=revista+veja+o+ensino+no+brasil+é+otimo&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=ip8gU6DpGoqEogS6hIGwCQ&ved).

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Ao responder a esta questão atente para a necessidade de deixar claro que a memória discursiva é a memória social marcada pelo crivo ideológico e autorizada por uma FD. Ela só faz sentido dentro de uma FD. E que a partir da repetibilidade os sentidos fazem sentido, porque já têm antes.

2. Considere que o interdiscurso reúne todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas e a memória diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos.
3. Para responder a essa questão, considere a ideia da qualidade da educação brasileira que circula socialmente.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, a de número 08, estudaremos a heterogeneidade discursiva. Vamos entender como o Outro/outro é representado no discurso.

AUTOAVALIAÇÃO

Ao final desta aula:
- Consigo saber o que é memória discursiva?
-Consigo perceber a diferença entre a memória discursiva e o interdiscurso?
- Consigo perceber o papel de uma FD para a memória discursiva?

REFERÊNCIAS

ACHARD, P. Memória e produção discursiva de sentido. In: ACHARD, Pierre... [et. al.]. **Papel da Memória.** Tradução: José Horta Nunes. 2ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
COUTINE, Jean-jacques. "**Analyse Du discours politique**". Languages, n62, juin, 1981.
FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro, Forense-Universitária. 1969
PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 3ª Edição. Campinas. SP: Editora da Unicamp. 1997.
POSSENTI, Sírio. **Teoria do discurso:** um caso de múltiplas rupturas. Curso ministrado por Sírio Possenti. (Mimeo.) s/d.